

VIRAMUNDO — O produtor paulista Thomaz Farkas exibiu no Instituto Cultural Brasil - Alemanha este filme de curta-metragem do baiano Geraldo Sarno, hoje radicado em São Paulo. "Viramundo" (préto-e-branco, 35 mm) confirma o amadurecimento do jovem cineasta, também a tese de que ao mundo subdesenvolvido interessa menos um cinema de forma que propriamente de conteúdo. Não existe uma oposição dual entre as entidades (conteúdo forma): elas se corporificam em um só elemento. Quando reivindicamos a predominância do conteúdo sobre a forma queremos significar ~~estatamente~~ uma maior preocupação pelo tema. E isso é o que verificamos no filme de GS: a par com uma vigilância criadora inexistente em "Memória do Cangaço" (pelo menos inexistente naquela dose) se estabelece igualmente uma melhor compreensão sociológica do fato examinado. De 10 anos prá cá mais de 1 milhão de camponeses nordestinos emigraram para São Paulo buscando o Eldorado sonhado, cujas luzes ofuscam os olhos desacostumados à metrópole. Eles vão à capital bandeirante pelas mais diferentes razões: a seca que não os permite lavar a terra, a miséria e as doenças obrigando-os à procura de uma vida digna que assegure o pão de cada dia e, finalmente, a balela largamente em difusão de que São Paulo é a terra prometida. Desembarcando na paulicéia verificam que caíram lamentavelmente no "conto de S. Paulo": a verdade e a realidade são bem outras. O desemprego é enorme, as favelas também existem, a promiscuidade favorece o desânimo e quando encontram emprego é nas construções civis, a salários baixos. Muitos ficam com vergonha de voltar, outros voltam para não morrer de fome na terra de Canaã e raios conseguem uma situação estável. Geraldo Sarno expõe tudo isso utilizando o método do Cinema-Verdade: entrevista pessoalmente, de gravador em punho, os emigrantes e os deixa livremente contar seu drama. A montagem, ágil e esperta, recorda a montagem das atrações de Eisenstein com uma pequena diferença: neste um cena se opõe à seguinte para uma terceira oferecer meios de conclusão do espectador (tese-antítese-síntese); em Geraldo Sarno uma sequência se opõe à seguinte, para a terceira sequência oferecer meios de conclusão, alcançando o mesmo resultado e se fazendo mais acessível. A diferença está em que o cinema de Eisenstein exige muita atenção e conhecimentos específicos para ser entendido (referimo-nos, naturalmente, à questão da montagem). Se uma cena projetada passa e o espectador não lhe está devidamente atento, como a seguinte, ele não compreenderá a terceira e terminará sem uma visão exata da obra do gênio soviético. Com Geraldo Sarno ocorre o contrário: depois de termos uma sequência inteira vem uma outra que a nega e uma terceira que sintetiza as duas. (Desejamos frisar que essa análise comparativa das duas montagens não tem qualquer objetivo de equivaler o gênio com o jovem que se lança). A composição "Viramundo", letra de José Carlos Capinan, interpretada por Gilberto Gil, é de rara felicidade: música descritiva da migração, se incrusta na obra cinematográfica como elemento valorativo. No próximo domingo o comentário de "Memória de Cangaço"

CRIVO

● "Memória do Cangaço", do baiano Paulo Gil Soares, Gaivota de Ouro do 1º FIF conquanto um filme bem coordenado e produto de uma pesquisa séria e bem conduzida, deixa algo a desejar sob o ponto de vista da criação, que mesmo no cinema — verdade não é de forma alguma indispensável. O filme não tem aquela espontaneidade, sua narrativa não tem aquela fluência, aquela seqüenciação narrativa de "Viramundo" de outro baiano Geraldo Sarno e, principalmente, não é enfocada dentro de uma determinada perspectiva, como este último caindo assim quase que no documentário puro e simples. As cenas do Coronel Rufino saindo da cozinha, à paisana, com a música a caracterizá-lo como "matador de cangaço"; do passeio de Labareda pela Ladeira do Pelourinho — são algo forçadas, algo preparadas, com uma preocupação de encenação que está fora dos cânones do cinema — verdade. Em contrapartida, as imagens de Dadá mulher de Corisco; as cenas feitas pelo mascate árabe de Lampeão e seu bando e o enquadramento que têm no contexto geral do filme — são excelentes. No todo, e mais como documentário do que como cinema — verdade, "Memória do Cangaço" é um bom filme e, como observou o Crivo a propósito de "Viramundo" é uma pena que sua apresentação não se faça para o grande público.

Diário de Notícias
Bahia